

A ESPIRITUALIDADE DOS NOSSOS ANCESTRAIS DA AMAZÔNIA ORIENTAL

Lucy Penna, Ph.D.

Fragmentos de Cultura.

Publicado em FRAGMENTOS DE CULTURA, v.16 n.5/6 IFITEG e
SGC/Universidade Católica de Goiás, p. 363-380, 2006

Resumo

O artigo propõe uma interpretação dos símbolos arquetípicos contidos na cerâmica pré-histórica dos antigos Marajoara, nação indígena da Ilha do Marajó, Pará. Sugere que houve complexos

rituais religiosos no Norte do Brasil em honra a divindades femininas, antes da colonização européia.

Palavras – chave

Espiritualidade indígena; Mitologia primitiva; Grande-Mãe; Mitos amazônicos; Divindades do Brasil.

Uma visão pragmática e utilitarista da arte indígena impediu que os religiosos colonizadores apreciassem devidamente a organização simbólica implícita nas peças de cerâmica, madeira, palha, etc. Feita de material perecível, a expressão artística dos povos ancestrais quase perdeu-se totalmente com os séculos. O descaso de alguns, alimentado pelo medo dos chefes que viram nos ícones indígenas a obra do demônio, incinerou grande parte do legado dessa gente brasileira. A cerâmica marajoara ressurgiu, porém, retirada de seu esconderijo subterrâneo para alimentar nosso espírito com a chama viva dos ancestrais. Ela nos comunica uma espiritualidade na pureza daqueles que co-criaram com as forças naturais maravilhados diante dos mistérios.

Em imensos aterros comprovadamente artificiais (ROOSEVELT, 1990) construídos nas planícies ocidentais da Ilha do Marajó, vasos, urnas, pratos, estatuetas e outros objetos tornam-se familiares aos colonos que durante os últimos cinco séculos povoaram as fazendas alagadiças. Nos aterros salvaram-se os precisos elementos de uma cultura rica em reflexão e manifestação, assim como ainda hoje salvam-se os animais e as pessoas que fogem das enchentes periódicas. Boa parte dos achados foi ilegalmente para o exterior, outra encontra-se em museus e nas antigas fazendas do Marajó.

Visões xamânicas

Obediência aos deuses. Seria este o motivo que estimulou o povo Marajoara a transformar a paisagem da grande ilha? Se considerarmos o determinismo das enchentes, diremos que a duração de quase mil anos da cultura Marajoara só foi possível por causa da construção dos aterros. Sabemos que os indígenas regulavam suas iniciativas através de escutas e visões espirituais, não planejando nenhuma atuação que estivesse fora da vontade dos deuses. É provável que os próprios aterros significassem uma metáfora religiosa, sua construção fosse parte das crenças.

Proteger-se das enchentes, garantindo terra seca para viver e plantar teriam sido atos sagrados ritualizados por várias gerações. Para unir tantas pessoas continuamente em torno de um ideal tão complexo seria imprescindível uma crença forte. Uma crença imaginada pelos ancestrais, passada aos mais sábios, inseminada na mente e no coração dos jovens.

Sugiro que a cosmogonia da nação Marajoara que habitou na Ilha do Marajó até cerca de 1400 D.C. teria tido uma entidade feminina central. Os Marajoara teriam concebido uma geografia xamânica na qual a terra seria

percebida como o corpo físico de uma presença maternal, paridora, uma Grande Mãe.

A cerâmica foi criada pelas artesãs que ocuparam o tempo ocioso durante o inverno, quando as chuvas cobrem tudo de novembro a março. (DURÁN, 1990). Pintaram, gravaram, esculpiram imagens que já estavam presentes no consciente e no inconsciente coletivo de seu povo. É com tais premissas que analisaremos os arquétipos eventualmente sugeridos em algumas peças. Elas foram selecionadas por aludirem a uma provável presença do Feminino, enquanto energia receptiva, telúrica, fecunda. As peças que escolhemos relacionam-se ao mundo das águas e dos seres aquáticos, à terra molhada, ao redemoinho e à fecundidade dos seres humanos, dos animais, das plantas e do universo.

Visto e vivido pelo ângulo feminino, o trabalho com o barro é prazeroso e espiritual ao mesmo tempo. Lévy-Strauss narra mitos amazônicos em que os dons da cerâmica são trazidos pela humanidade por seres sobrenaturais aquáticos e subterrâneos.” Em vez de acontecer no eixo terra/céu, o acontecimento ocorre num eixo que tem uma extremidade na terra e a outra na água e no mundo subterrâneo” (LEVY STRAUSS, 1986, p.220). Em inúmeras etnias são mulheres que dominam a arte cerâmica, (LIMA, 1987), talvez por sentirem-se mais próximas da energia criativa capaz de gestar corpos na matéria.

Imagens do ciclo de vida-morte-vida

Acredita-se que na região do rio Camutins, por exemplo, a população Marajoara tenha chegado a mais de 10 mil habitantes, agrupados em cerca de 40 tesos. Comercializavam belíssimas peças de cerâmica produzida com o barro abundante, mas deixaram os potes, tangas, estatuetas, pratos e vasos mais finos para os seus rituais. A análise que a autora realizou, desde 1993, nas peças do acervo do Museu Paraense Emílio Goeldi, permite supor que a nação Marajoara realizou com êxito celebrações sazonais de fertilidade, bem como ritos funerários.

A arte Marajoara pré-histórica é um registro feito no barro dos símbolos e das fórmulas de poder usados durante os rituais. As tangas femininas e os falos de cerâmica finamente ornamentados são alusões ao drama da recriação do mundo, através da dança. Os imensos pratos feitos à imagem da tartaruga jalapa, despertam a curiosidade sobre a culinária xamânica desse povo. As serpentes enroscadas com duas cabeças distilam mistério no escondido dos vasos.

Fig. 1 Tanga e Falo

Fig. 2 Prato ritualístico

Cada mulher e homem nobre da raça Marajoara fazia um vôo após a morte nas asas da Coruja ancestral. Uma jornada nos espaços da noite, no fundo do aterro cemitério, agasalhados no bojo da urna Coruja. Acreditariam na volta dos mortos sob a forma de um outro ser ? As urnas de um metro de altura estão cobertas com símbolos de transformação, são verdadeiros “ livros dos mortos” em ideogramas . Os símbolos arquetípicos marcaram os momentos decisivos do ciclo da vida – morte – vida para esses indígenas que recriaram a paisagem numa espécie de geografia xamânica.

Fig. 3 Igaçaba.

Formados pelas chuvas abundantes que começam em dezembro, vastos lagos superficiais recobrem feito lençóis a planície oriental da ilha do Marajó durante seis meses, em média. São os braços líquidos e piscosos da Senhora das Águas envolvendo a terra e seus filhos. Braços que ofertam o banho fresco, suavizando as costas ardidas, os pés esfolados no mato seco. Até que as águas subam demais. Por volta de fevereiro ou março, chegam as inundações, engrossando os igarapés que rugem feito onça. As árvores altas viram refúgio para os bichos, tremem de frio os pássaros perdidos os ninhos. Os fazendeiros tangem suas criações para as terras altas porque todos desejam estar acima dos lençóis líquidos. Refugiam-se nos tesos, chamados 'ilhas' pelo caboclo, geralmente, os mesmos construídos pelo povo Marajoara, há séculos.

Senhora das Águas

Deitada junto a enormes urnas funerárias nos aterros, uma pequena estatueta feminina saiu do anonimato para tornar-se a peça mais preciosa da coleção cerâmica no acervo do Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém. Sua presença singular, ao mesmo tempo ativa e receptiva, não dá margem a dúvidas: é uma entidade espiritual que fez parte da cosmogonia dos Marajoara.

Mãe da vida e da morte, seria esta uma deusa a garantir a continuidade da vida através do portal da morte? O estudo cuidadoso das imagens dos Marajoara me revela que houve uma forte divindade no seu panteão que se apresenta ora como coruja, serpente, ou tartaruga, e também, sob o aspecto de uma intrigante figura feminina: a Senhora das Águas

FIG 4 . Senhora das Águas (foto)

O aspecto regenerador do útero impressiona. Embora ela não esteja grávida, tem a energia matricial das águas da vida. As espirais vermelho, preto e branco mostram que ela própria parece ter nascido do redemoinho das águas. Uma vênus indígena com poder e sedução, mãe dos peixes, das cobras e das rãs, com as características do seu ambiente. Seu *design* alongado não lembraria uma cobra, ou um peixe?

O olhar é atraído pela grande espiral que cobre o peito e o ventre, desde os mamilos até o sexo. Sua vagina é um portal guardado pelas espirais vermelhas e pretas, entre as coxas abertas. Seu corpo é abrigo e trajeto para as almas que adentram o desconhecido, após a morte.

Com a face levemente voltada para a esquerda, a deusa esboça uma expressão sutil, misto de convite e mistério. As espirais imprimem em seu corpo o dinamismo da energia desmaterializada.

Vulva e redemoinhos são comuns nas figuras das deusas do início do período Neolítico Europeu, que ocorreu entre 6.500 a 5.300 anos A.C., testemunha a etnoarqueóloga Marija Gimbutas, (1991) Um período no qual a humanidade concebeu a idéia da força regenerativa das águas, criando-se uma associação entre a fecundidade, as águas, a mulher. A arte da época expressou

as imagens do processo de procriação dos seres humanos, animais e vegetais. Desponta e mantém-se constante o conceito de que a existência é cíclica e tem início nas águas.

Poderosa senhora da energia aquática, sedutoramente disponível, essa divindade amazônica realiza a emocionalidade intensa das marés das luas cheias. Quase se escuta o rugido da pororoca que inunda periodicamente a parte norte do arquipélago do Marajó. Seria irmã da fabulosa lara - amante mítica dos índios Tupi ? Possivelmente teve domínio sobre a pesca, assim como Yemanjá, ou 'mãe dos peixes", em língua yorubá.

Os indígenas filhos de uma natureza abundante, integrados com a fecundação de peixes e de homens, imaginaram relações entre as espécies. Mas, ainda hoje, os contos amazônicos referem-se a mitos de origem com avós aquáticos, onde é natural visitar o fundo dos lagos e rios, tecer amores com peixes e "peixas ".A própria forma pisciana da Senhora das Águas não estaria ligada à uma crença na descendência de ancestrais aquáticos? Por outro lado, o seu insólito comparecimento em um cemitério desafia a visão cristã do campo santo como um lugar triste, carente de vida.

Os peixes são um símbolo bastante antigo do mistério da fecundação." Parece que foi, inclusive um símbolo da alma" aponta C.G.Jung (1976:112). Um animal que mostra uma face sublime, tendo sido objeto de culto religioso na Síria, Fenícia, Egito...embora motivo de projeções assustadoras, pelo menos algumas espécies. O papel que o peixe representa na tradição judaico cristã teria começado justamente nessas antigas devoções.

O simbolismo aquático

O significado da Senhora das Águas na psique coletiva origina-se no estado de espírito dos nativos perante o elemento água, um fator predominante no meio do qual dependiam. No ambiente da Ilha do Marajó os meses são marcados pelas chuvas ou pela ausência delas, caracterizando o inverno e o verão tropical. A elevação das casas indígenas sobre os aterros propiciou um relativo domínio sobre as imposições climáticas. Foi a chave do sucesso da cultura marajoara, mais duradoura do que todas as que a antecederam naquele território.

Teriam os xamãs ouvido a voz dos ancestrais, construindo os aterros para louvar o ventre grávido da Grande - Mãe ? Se interpretarmos os aterros como uma hierofania da deusa, entenderemos que criaram uma geografia sagrada de forte sugestão psicológica. Além de protegê-los das enchentes com sua esteira de mosquitos, serpentes e lamacenta podridão, os tesos acolheram a raça Marajoara como o abrigo da divina providência, onde o fogo dos fogões não se apagava, permitindo escutar as estrelas, predizer os ventos. A vida no colo altaneiro da deusa manteve saudáveis os filhos e as filhas das águas e do sol durante quase mil anos.

As águas são uma fonte inesgotável de sensações, fantasias e sonhos. Estão associadas às emoções que, esquentando o corpo, intensificam os ritmos internos em ondas de intensidade variada, tanto na troca sexual quanto na briga de rivais. As marés sobem e descem, obedecendo aos ciclos lunares. Diz-se que

a água é feminina. Ela flue e reflue, afirma e nega, condição pela qual mulheres e marés, assemelhadas, compartilham igual desconfiança masculina.

A água doce é mãe de mitologias, imagens de repouso e devaneio, interpreta Gaston Bachelard(1985). Enquanto o mar sensibiliza a pele com a aspereza do sal, arde nos olhos, queima como o sol, a água dos rios é suave. Permite um privilégio de banho, desejada, ansiada pelos caminhantes longe de casa. Nisso, também, a fonte, o riacho, qualquer manancial de água doce se aproxima do simbolismo feminino idealizado, porque acolhe, nutre, regenera um sofrimento.

Hoje, quando inúmeros países já são obrigados a importar água, as organizações internacionais voltam os olhos para a região mais rica nesse recurso no planeta : a Amazônia. Que melhor maneira de proteger os mananciais do que considerá-los uma divina presença da Mãe da abundância ?

As línguas arcaicas, como a dos indígenas, fundamentam-se em uma percepção unitária do mundo, o qual se revela como um todo orgânico em cada expressão. Por exemplo, na língua suméria, a mesma palavra significava água, concepção, geração e esperma, esclarece o historiador das religiões Mircea Eliade (1993). O mais velho hieróglifo egípcio para água corrente é uma linha em zigue-zague, também encontrado em numerosos vasos neolíticos europeus, fase do início das culturas agrárias. Símbolos semelhantes são comuns na arte cerâmica marajoara.

As espirais que envolvem a figura da Senhora das Águas provavelmente indicam um tipo de 'escrita', para significar a fecundidade das águas em relação com os ciclos lunares. A espiral e o caracol representam a lua, considera Eliade :

A mulher, a água , bem como o peixe, pertencem ao mesmo conjunto simbólico da fecundidade, que é percebido em todos os planos cósmicos. O circuito antropocósmico da fecundidade compõe-se do conjunto Água- Lua- Mulher, desde a pré-história",(M. Eliade, 1993:155)

O duplo portal na base do corpo pintado de vermelho reforça o significado da energia vital na sexualidade feminina, segundo a visão dos antropólogos. Reichel – Dolmatoff (1971) anotou que os Desâna da Colômbia amazônica concebem a terra como feminina e vermelha. Quando Maria Heloísa Fenelon Costa (1988) aplicou o teste de Rorschach nos Mehinakú, do rio Xingu, escutou o mito que conta sobre como dos órgãos genitais de uma mulher morta pelo Morcego é tirada a tinta vermelha que ornamenta hoje o corpo de certos peixes e aves.

É provável que o corpo da divindade tivesse recebido uma pintura de argila branca (engobe), sob o preto e o vermelho. O branco no fundo significaria o domínio sobre as forças que operam no processo de renascimento, pois recorda os ossos descarnados. Para os Mehináku o branco é uma pintura protetora, simbólica dos eventos fúnebres, assim como o preto (COSTA,1988). As cores escuras são do oeste, domínio dos povos da noite, de onde vêm as doenças e a morte, limite entre a superfície e o mundo subterrâneo, no entendimento dos Desâna (REICHEL-DOLMATOFF,1971).

Imagens de ancestrais femininas

O culto de uma divindade das águas na região do rio Amazonas é um fato histórico, e também um importante fenômeno psicológico coletivo, porque tem uma continuidade impressionante. As águas precedem e suportam qualquer construção em terra, em numerosos mitos. As pessoas dos grupos Tukano, por exemplo, se dizem *waí mahsá*, ou seja, peixe-gente. Descendem de uma avó ancestral, que se criou a si mesma de seis coisas invisíveis, depois ela separou a luz das trevas, fez os trovões, o sol, e os heróis civilizadores que criaram a humanidade. Dois dos heróis culturais têm nome de peixe: o Tukano *Doé tiró* e o Desâna *Boléka*, que significam traíra e uaracu (KUMU, KENHÌRI, e RIBEIRO,1980).

Os Suruí narraram para a antrópologa Betty Midlin (1997), o conto do namoro das mulheres com um “peixe”. Em Santarém, bem como no Marajó, presenciei o susto com o boto que vira rapaz sedutor, nas noites de lua bem cheia. O mito do amante das águas doces ainda está vivo, na Amazônia. Ele é o Boto, um homem - peixe que busca uma parceira para fazer amor nas praias enluaradas dos rios. Não seria um sinal de que o imaginário das caboclas está prenhe de divindades telúricas ancestrais ?

Os peixes ancestrais têm proporções gigantescas, são bem maiores dos os que peixes atuais da mesma espécie, e marcaram o território mítico de diversas tribos. Quando se pergunta a um velho Mehinakú onde moram os *Papanê* (sobrenaturais), ele responde : no fundo da água. (COSTA,1988). Poderíamos interpretar a água como local indefinido, metáfora para o inconsciente. No entanto, quando se convive com a força dos rios e das chuvas na Amazônia, é bom também levar em conta o fato real de que as águas profundas escondem seres muito arcaicos e maiores do que as espécies ribeirinhas

Tanto o indígena quanto o caboclo amazônico atribuem, facilmente, poderes sobrenaturais aos animais aquáticos. O amuleto mais famoso da região, saído das mãos das mulheres *Ycamiabas* – as guerreiras – é uma rã feita de jadeíta. As *Ycamiabas* retiravam o *muirakitã* do fundo dos lagos sagrados, onde a Mãe da Lua permitia que elas renovassem o vínculo erótico da raça. Davam o *muirakitã* para o amante, uma proteção importante. Dizia-se que elas lutavam como guerreiros e nunca se submetiam, matando os homens que ousassem aproximar-se .

Os caboclos ainda temem a Cobra Grande que, segundo a lenda, mora embaixo de algumas vilas e cidades. Em Óbidos, Pará, acredita-se que se ela sair do seu nicho que fica embaixo da catedral, provocará a queda da cidade inteira dentro do rio. Em diferentes regiões do país narram-se mitos acerca de sobrenaturais femininas nascidas nas águas. (PENNA, 1996). Algumas, associadas com animais aquáticos, entre os quais a serpente, a rã e a fêmea do boto.

Deusa - peixe

A Senhora das Águas não está grávida, nem com grandes seios e quadris. O corpo longo, os braços curtos e as pernas dobradas sugerem o movimento sinuoso dos répteis e dos peixes. A sua presença no cemitério subterrâneo

poderia assegurar a penetração do morto no profundo mundo das sombras. Da mesma maneira que um peixe mergulha e some das vistas, o corpo do morto dissolve-se no seio da terra .

Teriam sido os braços da estatueta reduzidos intencionalmente para sugerir barbatanas laterais ? Outra metáfora à penetração nos subterrâneos vem da imagem de um pênis com dois testículos, obtida ao virar a deusa de lado.

A base da pequena estatueta tem a forma da lua crescente, completando uma combinação de alusões sexuais masculina e feminina na deusa. Ela, talvez, foi criada à semelhança do bagre que hoje chamam *Piraíba*, a temida “mãe do rio”, no Marajó. O maior bagre da Amazônia (*Brachyplatystoma filamentosum*, Fam. *Pimelodidae*) possui órgãos sensíveis que o habilitam a explorar o ambiente, mesmo na escuridão. O espécime adulto atinge de 2,5 a 3 metros de comprimento, pesando, eventualmente, 200 quilos. Vive em águas profundas e sai à superfície à boca da noite. Só a fêmea parece ser chamada *Pira-íba*: peixe-má, em Tupi. É mais agressiva do que o macho e ataca qualquer coisa que se mexe próximo à margem. As caboclas não deixam crianças, galinhas ou patos perto da água depois que escurece, com medo da *Piraíba*.

Levar o morto para o fundo dos imensos mananciais, devorando-o como faz a fêmea do bagre com os pequenos seres vivos, seria uma função da deusa-peixe? O motivo arquetípico da regeneração dos corpos pede que ocorra uma morte, real ou simbólica, para que sobrevenha a transformação. Considerando as águas como um útero coletivo, os mitos Marajoara podem ter sido urdidos em consonância com as variações da natureza ambiente, gestando pensamentos, expectativas, esperanças e gerando empreendimentos.

A ambigüidade da forma dessa deusa, feminina e fálica ao mesmo tempo, alude mais do que explica. Ela expressa um jogo emocional que instiga, seduz a imaginação, mas não define claramente. Bem ao gosto dos Marajoara, que deixaram uma arte imaginativa, jamais realista, possivelmente criada a partir do mundo onírico e das visões xamânicas. A Senhora das Águas é um daqueles casos, em que no dizer de Eliade (1993) não há necessidade de determinar o sexo. As divindades telúricas e procriadoras universais são bissexuadas.

Leite das visões xamânicas

FIG 5 . Vaso globular (foto)

Vasos como este possivelmente estiveram presentes nos rituais de propiciação aos poderes vitalizadores da deusa. Associando sementes, duplas espirais, brotos com a generosidade redonda dos seios, as artesãs conceberam-no como uma mandala.

A concepção artística desse vaso fez de cada seio um campo convexo onde os brotos vicejam. A mesma linguagem foi usada no círculo central de onde nascem quatro ramos duplos. As pequenas formas ovais são sementes riscadas, talvez especificando um tipo de planta usado para fazer a bebida sagrada. Os ramos duplos mostram tênues hastes, como um vegetal em germinação. Os símbolos do centro e do círculo maior são análogos. É uma festa ao redor das sementes e das espirais, abrindo-se em direções opostas . Dinamização da força

vital nos homens, mulheres e no solo, talvez fosse o objetivo da comemoração para a qual este vaso foi modelado.

Fig 6. Mandala (desenho)

É solene esse trabalho realizado em excisões sobre engobe vermelho. Percebe-se a irradiação da força da vida que inspira admiração, generosidade. Suponhamos que este vaso tenha servido para guardar um líquido sagrado, uma bebida cerimonial, que era passada em outras vasilhas menores para consumir-se. Ela seria o leite sagrado, misterioso dom da deusa distribuído aos iniciados. Bebida preparada com arte, digna das festas sagradas, indutora de estados alterados de consciência. Era um presente da Mãe da vida, pois todos os sinais de renovação da força da natureza nele estão gravados. Típico de um povo que dependia, pelo menos parcialmente, da coleta de frutos e raízes, bem como das plantas que começavam a domesticar.

O vaso que analisaremos a seguir guarda sinais de uso na borda. É menor que o primeiro e, possivelmente, foi um dos que passou de boca em boca nas festividades que celebraram as iniciações dos Marajoara.

FIG.7. Vaso com dois seios

Tem o formato geral semelhante ao de uma semente. Um dos seios está aberto na parte superior, onde se nota, claramente, a erosão das gravuras pelo uso da borda externa. Também o mamilo deste lado está aplainado, como se muitas mãos o tivessem tocado. Do lado contrário, exhibe um intrincado padrão de sinais, semelhante a uma rede muito fina. A ceramista destacou o mamilo realisticamente, o que é incomum na arte Marajoara. Um gesto criador compreensível quando lembramos que a arte cerâmica nasceu com as mulheres. As oleiras ancestrais conceberam a divindade à imagem do seu próprio corpo e resignificaram sua presença na sociedade tribal a partir dessa relação.

Caboclas em vilas longínquas do Marajó testemunham ainda que a tradição das suas avós indígenas ritualizava o momento de retirar o material do barreiro com tabus sexuais. A “Mãe do barro” pede que suas filhas não tenham contato sexual com homem na véspera de retirar o barro na lua cheia, nem durante a queima do produto. Guardam o costume de escolher vãos silenciosos das casas para modelar, rejeitando a presença masculina enquanto persiste uma sintonia quase mágica com as energias do arquétipo da deusa paridora. (PENNA, 2000). Nem sempre “leite” alucinógeno como ainda ervas, raízes, comida especiais da deidade teriam sido cozidas nas panelas, estocadas nesses potes, servidas nos pratos decorados com esmero. O ato de colher as plantas, prepará-las e cozê-las, o momento de toma-las, tudo é parte do encontro sagrado dos filhos e filhas com sua deusa paridora do mundo.

A metáfora de uma grande deusa como vaso nutritivo é tão antiga quanto a arte da cerâmica. Recua no tempo através das várias fases do Neolítico, das eras do Cobre e do Bronze. Todas estas concepções serviram, psicologicamente, para ensinar que a natureza pode ser experienciada como se fosse uma generosa mãe que doa o sumo gerado dentro de si mesma. Uma

deusa que os indígenas Marajoara conheceram, retratando-a com rara sensibilidade.

Entrelaçamento de energias

Uma grande alegria deve ter tomado os corações dos homens e mulheres Marajoara ao manterem tão perto de si uma deusa generosa, sensual, mediadora nos mistérios do ciclo natural da vida-morte-vida. A espiritualidade da nação Marajoara obedece à percepção pura de que tudo é sagrado. Não está maculada pela concepção intelectualizada que implantou na espírito europeu o medo da natureza e a separação entre corpo - profano e espírito - sagrado. A ciência indígena é mantida com os sinais do universo, leituras intuitivas de sincronicidades, busca através de meditações do significado dos sonhos, estímulo a visões através de práticas físicas e de mediadores químicos, os alucinógenos. Uma forma de conhecer que extrapola o que a ciência convencional dos últimos séculos vem propalando como a única verdade.

O corpo é templo do Espírito Santo, ensina o catecismo, mas quem habita nele é o diabo, justificando que seja flagelado, corrigido e corrompido por práticas anti-naturais, que felizmente estão caindo em desuso neste início de milênio. A servidão da mulher e do homem ao poder do Logos levou à eliminação dos valores da consciência “lunar” que caracteriza o princípio Feminino na psique coletiva. A consciência “lunar” aceita o mistério sem querer explicá-lo, quer dizer sem pretender retirar todas as dobras e pregas, desnudando todos os fios(seria possível?) com que é tecida a Criação. No domínio da consciência “ lunar” vive-se o mistério e apreende-se o seu verdadeiro sentido com a totalidade de nossos recursos.

A consciência “ lunar” move-se em sintonia com os ritmos sazonais, sente os sinais do universo e reage em acordo; percebe o tempo de semear e o tempo de colher; vê a morte como parte do grande eterno retorno da criação. A possibilidade de recuperar a perda desta sabedoria torna o estudo dos símbolos ancestrais digno de esforço, ainda que tudo o que possamos fazer seja hipotético.

Na sociedade Marajoara as energias do Feminino transcendente são aceitas e postas em equilíbrio com as energias do Masculino gerando espaço para viver a sexualidade no sagrado. O contato com as energias sexuais é dignificado e ritualizado. As energias do Masculino se expressam no empreendimento conjunto para mover troncos, terra e barro formando os aterros residenciais e de cemitérios. Enquanto a energia do Princípio Feminino corresponde ao contato sutil com a matéria, o barro, as plantas que curam e que envenenam. Realiza sondagens dos mistérios da criação em gestos que insinuam uma co-criação, em vez de desejar uma explicação.

Em cima dos aterros, a visão magnífica do sol equatorial mostra todo seu esplendor impressionando mentes e espíritos. Contemplando as mudanças das estrelas alcançam os mais sábios a consciência da grandeza do universo. O conhecimento das direções talvez esteja registrado nos labirintos esculpidos nos potes. Reflexões abstratas e elaborações racionais fazem parte do que a psicologia analítica chama de consciência “solar”, regida pelo Logos, uma das manifestações do princípio Masculino presente na psique humana.

O princípio Feminino traduz-se especialmente através do contato sensorial e proximal com seres e objetos. É regido pela energia de Eros, significando

vínculo, capacidade de relacionamento direto, próximo, criar contato sem pensar, mas através da pele. Os símbolos encontrados sugerem que na sociedade Marajoara as pessoas provavelmente vivessem uma espiritualidade em união com o mundo material, portanto alcançando com certo equilíbrio entre as polaridades Masculina e Feminina da psique coletiva.

Referências

1. BACHELARD, Gaston (1985). *L' Eau et les Rêves*. Paris: Lib. José Corti.
2. COSTA, Maria Heloísa Fenelon (1988). *O Mundo dos Mehináku e suas Representações Visuais*. Brasília: Ed Universidade Brasília
3. DURÁN, Alice Coirolo. Les groups ceramistes de L'île de Marajó (Nord du Brèsil) de l'èpoque prehistorique à nos jours. T.Doc.Univ. Paris I, mimeo.Sorbonne, 1990.
4. ELIADE, Mircea (1993). *Tratado de História das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes.
5. GIMBUTAS, Marija (1991). *The Civilization of the Goddess – The World of Old Europe*. San Francisco: Harper & Collins.
6. JUNG, C.G (1976). A ambivalência do símbolo de peixes. In: *Aion .Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo.C.W.9.2*. Petrópolis:Vozes.
7. KUMU, Umúsin, P., KRENÍRI Tolamã & RIBEIRO, Berta(1980). *Antes O Mundo Não Existia*. São Paulo : Cultura.
8. LÈVY – STRAUSS, Claude (1985). *A Oleira Ciumenta*. São Paulo:Brasiliense.
9. LIMA, Tânia A. Cerâmica indígena brasileira. In *Suma Etnológica Brasileira*, v.2; 2ª edição. Petrópolis: Vozes/Finep, 1987.
10. MIDLIN, Betty e narradores indígenas (1997) *Moqueca de maridos: mitos eróticos*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
11. PENNA, Lucy (1996). Divindades Femininas do Brasil. *Hermes* . São Paulo 1:66-93.
12. _____ (2000).A Senhora das águas na Amazônia. *Junguiana* (SBPA) 18:18-29.
13. REICHEL – DOLMATOFF, G. (1971) *Amazonian Cosmos: The Sexual and Religious Symbols of the Tukano Indians*. Chicago: Univ. of Chicago Press.
14. RIBEIRO, Berta e
15. ROOSEVELT, Anna C.(1991). *Moundbuilders of the Amazon. Geophysical Archaeology in Marajo Island, Brazil*. San Diego: Academic Press.

ILUSTRAÇÕES E LEGENDAS - FOTOS DE MIGUEL CHIKAOKA E DESENHO DE SERGIO PENNA.

FIG 1- TANGA E FALO - Tanga ricamente ornamentada com símbolos duplos provavelmente indicam a concepção de forças opostas em busca de equilíbrio. Foram criados pelas próprias usuárias para uso em celebrações, possivelmente, rituais de fertilidade. São as únicas peças desse tipo conhecidas na arte primitiva mundial feitas em cerâmica. Os falos são objetos bem raros na arte marajoara, são antropomórficos e contêm símbolos do quatérnio. Indicam o uso consciente de energias masculinas em rituais. Esses falos são ôcos e emitem sons como maracá.

FIG 2- PRATO RITUALÍSTICO – A tartaruga é um animal de poder em antigas tradições amazônicas. Sua presença em pratos de rica ornamentação indica a presença de uma culinária sagrada nos rituais dos Marajoara.

FIG 3- IGAÇABA – As urnas funerárias com feições de coruja e ornadas com símbolos arquetípicos são abundantes nos aterros construídos pelos Marajoara. Este exemplar mostra a presença de canal vaginal e útero, circundados por uma serpente de duas cabeças. São símbolos de uma viagem ao além, nos braços da ave que impressionou nossos ancestrais tanto quanto os antigos gregos e egípcios. Talvez por sua visão em 360 graus, pelos hábitos noturnos, associaram-na à magia, à clarividência, á sabedoria do oculto e à filosofia.

FIG 4 – SENHORA DAS ÁGUAS – Com 30 centímetros de altura, ornada com espirais em vermelho, branco e preto, esta figura tem o design das antigas divindades telúricas procriadoras. Possui vulva bem pronunciada e seios, embora lembre um falo quando vista de lado. Foi encontrada em um aterro – cemitério, com outras peças. Quando sacudida, soa como um maracá. Tem aspecto de peixe e talvez, de serpente, animais associados com mitos de origem e de transformação em numerosos mitos da região.

FIG 5 – VASO GLOBULAR – Com formato de coração, este vaso tem quatro glóbulos (quatro ventrículos?) ornamentado com símbolos do quatérnio, decorado com vagens, brotos nascentes e caracóis. Indica uma associação da energia do equilíbrio através do pulsar da vida no peito com o lfluxo vital da natureza. Um vaso ritualístico com uma percepção artisticamente bem resolvida através do quatérnio com a regeneração da vegetação. Serviu possivelmente, como continente para alguma bebida sagrada feita de plantas e raízes, um tipo de leite consagrado à deusa. Pelo princípio *pars per totum*, o vaso como seio simboliza a própria divindade.

6- MANDALA – Desenho feito por Sergio Penna a partir do original em cerâmica, ressaltando os símbolos repetidos quatro vezes no vaso ritualístico da figura 5.

7- VASO COM DOIS SEIOS – O leite sagrado pode ter sido servido neste vaso em rituais à deusa. Mostra sinais de uso na borda, talvez pelo contato da boca para ingerir uma bebida mágica.

Lucy Penna é psicoterapeuta, doutora em Psicologia Clínica pela USP, pesquisadora dos símbolos indígenas. Professora titular da Universidade Salgado de Oliveira/ Goiânia.